

A MÚSICA ABRINDO CAMINHOS: OPORTUNIDADES FORMATIVAS A PARTIR DO PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO¹

Nara Rejane Sobczack²

RESUMO A escola de tempo integral oferece diferentes possibilidades para a expansão das atividades no campo das artes, entre elas a música. Este artigo analisa as oportunidades formativas através de atividades musicais em um programa de ampliação da jornada escolar. O enfoque é especificamente no Programa Mais Educação (PME) e no seu desenvolvimento no Centro Municipal de Ensino Básico (CMEB) Maria Lygia Andrade Haack, da Rede Municipal de Ensino de Esteio/RS. O artigo tem como orientação metodológica o estudo de caso qualitativo. As fontes dos dados são documentos oficiais, entrevistas semiestruturadas e observações. O texto apresenta a trajetória das atividades de música na escola desde o início do Programa até o momento atual, analisando cada etapa do caminho percorrido para contribuir na formação integral dos alunos. O artigo refere ainda que a experiência exitosa dessa escola resulta da articulação dinâmica do professor coordenador, potencializando as possibilidades e minimizando as dificuldades na relação com instituições parceiras e na mobilização dos monitores, valorizando seu trabalho comprometido e experiente, bem como considera que a vivência dos alunos nas atividades de música do PME interfere de forma relevante em seus projetos de vida.

Palavras-chave: Música. Educação Integral. Programa Mais Educação. Projeto de vida.

1 INTRODUÇÃO

A adesão do município de Esteio, no Rio Grande Sul, ao Programa Mais Educação (PME) ocorreu no ano de 2009, por volta do mês de abril, através da Secretaria Municipal de Educação e Esporte. Na época, a autora deste artigo foi destacada para coordenar o PME na Rede Municipal de Ensino. Sua primeira tarefa foi promover a adesão e a implantação do referido programa em 11 das 18 escolas do ensino fundamental do município, sendo que, em 2010, outras cinco escolas aderiram ao PME.

O Programa Mais Educação foi instituído pela portaria Normativa Interministerial nº 17/07, com o objetivo de “[...] fomentar a Educação Integral das crianças, adolescentes e jovens, por meio de atividades sócio-educativas, no contraturno escolar, articuladas ao projeto

¹ Esse artigo é o resultado do Curso de Especialização em Educação Integral Integrada na Escola Contemporânea, com financiamento do FNDE, e foi orientado pela professora Dra. Maria Beatriz Pauperio Titton (amtitton@terra.com.br).

² Professora da Rede Municipal de Ensino de Esteio. E-mail: narasobczack@yahoo.com.br

de ensino desenvolvido pela escola” (BRASIL, 2009a, p. 24), e fundamenta-se em um paradigma contemporâneo que afirma em suas considerações:

O ideal da educação integral traduz a compreensão do direito de aprender como inerente ao direito à vida, à saúde, à liberdade, ao respeito, à dignidade e à convivência familiar e comunitária e como condição para o próprio desenvolvimento de uma sociedade republicana e democrática. Por meio da Educação Integral, se reconhece as múltiplas dimensões do ser humano e a peculiaridade do desenvolvimento de crianças, adolescentes e jovens. (BRASIL, 2009b, p.7-8)

A chegada do PME veio ao encontro da Lei nº 11.769, em vigor desde 2008, que determinou que a música fosse conteúdo obrigatório em toda a Educação Básica. O objetivo dessa exigência não seria o de formar músicos, mas desenvolver a criatividade, a sensibilidade e a integração dos alunos.

Com seu papel relevante em uma grande diversidade de contextos, desde expressão pessoal, arte, entretenimento, profissão, articulação com outras linguagens, e também como meio para aceitação em algumas tribos juvenis, a música começa a ser explorada em programas de formação e inclusão, com o objetivo de diminuir as desigualdades sociais.

Para Gainza (1988), a música é um elemento de fundamental importância, pois movimenta e mobiliza o educando e, por isso, contribui para sua transformação e seu desenvolvimento.

Nas escolas, é comum, principalmente nas séries iniciais, ouvir música durante a aula e no recreio, e ainda, de forma bastante acentuada, nos momentos de comemoração. Há necessidade, porém, de buscar novas estratégias e metodologias que possam motivar a prática da música em sala de aula.

A linguagem musical se dá pela exploração, pela pesquisa e criação, bem como pela ampliação de conhecimentos, respeitando as experiências prévias, a maturidade, a cultura do aluno, seus interesses e sua motivação onde:

Para a grande maioria das pessoas, incluindo os educadores e educadoras (especializados ou não), a música era (e é) entendida como “algo pronto”, cabendo a nós a tarefa máxima de interpretá-la. Ensinar música, a partir dessa óptica, significa ensinar a reproduzir e interpretar músicas, desconsiderando a possibilidade de experimentar, improvisar, inventar como ferramenta pedagógica de fundamental importância no processo de construção do conhecimento musical (BRITO, 2003, p. 52).

Dessa forma, o PME também investiu nas atividades de música, através do macrocampo Cultura, Artes e Educação Patrimonial³. Segundo o Manual Operacional desse Programa, ano

³ Os outros macrocampos são: acompanhamento pedagógico, educação ambiental e desenvolvimento sustentável, esporte e lazer, educação em direitos humanos, cultura digital, promoção da saúde, comunicação e uso de mídias, investigação no campo das ciências da natureza e educação econômica.

2012, as oficinas que envolvem música são banda fanfarra, canto coral, danças, ensino coletivo de cordas, hip hop, iniciação musical por meio de flauta doce e percussão.

No segundo semestre de 2009, o PME chegou à escola Maria Lygia exigindo um rearranjo organizacional. Foi necessário repensar os espaços para além dos muros da escola, firmando parcerias com igrejas e associações locais que, por algum tempo, funcionaram bem. A longa distância até o local de realização das oficinas fez com que a escola repensasse a questão dos espaços. Dessa forma, duas salas da escola foram disponibilizadas para o desenvolvimento das atividades do PME, sendo que uma delas ganhou isolamento acústico, o que resolveu parcialmente o problema do som alto produzido durante o desenvolvimento da oficina de percussão.

Desde o início das atividades do PME nas escolas de Esteio, o Centro Municipal de Ensino Básico (CMEB) Maria Lygia Andrade Haack destacou-se pela qualidade do trabalho realizado. O envolvimento dos alunos nas muitas apresentações realizadas nos mais diferentes eventos, dentro e fora do município, indicava a qualidade do trabalho.

A grande vontade, a determinação e o empenho do professor coordenador para que as atividades do PME se desenvolvessem da forma mais comprometida possível foram reconhecidos pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), especialmente por meio de convites para relatar as experiências da escola em Seminários Nacionais do PME, promovidos em Brasília, Distrito Federal.

Com o objetivo de estudar o processo de fruição cultural que ocorria no PME do CMEB Maria Lygia, no ano de 2012, o referido professor apresentou seu trabalho de mestrado, cujo título é “O Programa Mais Educação como articulador de políticas educacionais e culturais: a experiência de uma escola de Esteio”.

No ano de 2013, o destaque dos alunos do CMEB Maria Lygia nas atividades de música vislumbrou a formação integral dos sujeitos, vista através do crescimento destes na sua trajetória escolar. Considerando a importância dessa situação, a escolha do tema da pesquisa que subsidiou o presente artigo recaiu sobre a música⁴ em função do ingresso de alunos da escola em cursos de violão, flauta e percussão em instituições reconhecidas, como a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e a Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (OSPA).

⁴A escolha pelo tema “música” não apresenta relação com a formação acadêmica da pesquisadora, que é Licenciatura Plena em Biologia, mas se deu pelo encantamento com o trabalho desenvolvido nas atividades de música no CMEB Maria Lygia.

No CMEB Maria Lygia, a oficina de percussão foi a grande articuladora em relação às oficinas de música. Em 2013, além de percussão, a escola realizou a adesão às oficinas de ensino coletivo de cordas, iniciação musical por meio de flauta doce e história da música. A oficina de história da música não integra o PME, mas foi criada por iniciativa da escola para sanar uma necessidade de aprofundamento que surgiu diante do crescente interesse dos alunos pelo tema, sendo desenvolvida pelo próprio professor coordenador.

O foco da pesquisa surgiu da pergunta: como o PME favoreceu o desenvolvimento das habilidades musicais dos alunos na busca por uma formação integral? Essa pesquisa resultou no presente artigo, tendo por objetivos gerais discutir a forma com que o PME favoreceu o desenvolvimento das habilidades musicais, bem como mapear as etapas percorridas pela escola para promover a formação integral. Para alcançar esses objetivos, foram identificadas as oportunidades educacionais no campo da música nas atividades do PME, relatando como aconteceram as articulações para contribuir na formação integral do aluno.

Além de discorrer sobre a metodologia utilizada na pesquisa, este artigo apresenta análises das atividades de música na formação integral, envolvendo os processos de descoberta, exploração e criação dos alunos nas oficinas de música, o conhecimento e reconhecimento de diversos estilos musicais e a influência do processo de formação integral nos projetos de vida dos alunos. Ao final, foram realizadas algumas considerações acerca do estudo.

2 METODOLOGIA

A orientação metodológica utilizada no estudo está delimitada nos contornos da abordagem da pesquisa qualitativa em educação, e o caminho metodológico utilizado foi o Estudo de Caso. Segundo Yin (2005):

Os estudos de caso representam a estratégia preferida quando: se colocam questões do tipo “como” e “por que”; o pesquisador tem pouco controle sobre os eventos; e o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real. A clara necessidade pelos estudos de caso surge do desejo de se compreender fenômenos sociais complexos. Ou seja, o estudo de caso permite uma investigação para se preservar as características holísticas e significativas dos eventos da vida real. (YIN, 2005, p.4)

Para Severino (2007), o estudo de caso é a pesquisa que se concentra no estudo de um caso particular, considerado representativo de um conjunto de casos análogos, por ele significativamente representativo.

No processo de definição do objeto desse estudo, a escolha recaiu sobre o CMEB Maria Lygia Andrade Haack em virtude do destaque nas atividades musicais desenvolvidas a partir do PME.

As fontes de dados foram documentos oficiais e entrevistas semiestruturadas, além da observação da prática pedagógica do monitor de percussão. Para as entrevistas, foi utilizada a gravação de voz com o professor coordenador, com a diretora, com o monitor de percussão, com seis alunos que realizam as oficinas de música, isso porque a gravação de entrevistas favorece a relação de interlocução, deixando o pesquisador mais livre para conduzir as questões, além de garantir um registro mais fidedigno dos diálogos estabelecidos. A observação da prática pedagógica do monitor de percussão foi importante por existir uma estreita relação de complementaridade entre observação e entrevista, na medida em que se possibilita o aprofundamento e a problematização de informações.

A observação possibilita um contato pessoal e estreito entre pesquisador e sujeitos ou fenômenos pesquisados. Também possibilita a descoberta de aspectos novos de um problema e a coleta de dados em que não se encontram outras formas de comunicação.

Os alunos selecionados para as entrevistas foram os seis alunos que estão realizando cursos de música na UFRGS ou na OSPA.

A entrevista semiestruturada, de acordo com Moreira e Caleffe (2006), parte de um protocolo com os temas a serem investigados, sem a preocupação de que sejam introduzidos da mesma maneira e na mesma ordem com todos os entrevistados, permitindo que eles desenvolvam as questões mais livremente. Isso não impede que o pesquisador tenha certo controle sobre a conversação, na medida em que introduz questões que ajudam a esclarecer respostas e a assegurar o tema central da entrevista e seus objetivos.

As entrevistas com os alunos tiveram enfoque nos aspectos vida pregressa (momentos com presença de música) e formação musical, incluindo interesse pela música, atividades do PME e projeto de vida. As entrevistas com o professor coordenador, com a diretora e com o monitor de percussão abordaram a trajetória da música no PME do CMEB Maria Lygia e o projeto de vida dos alunos.

3 ANÁLISES

3.1 A MÚSICA NA FORMAÇÃO INTEGRAL: *E era uma sonoridade toda diferente*

No início das atividades do PME na escola, as oficinas relacionadas à música foram canto coral e danças, isso em função do possível interesse dos alunos.

Com o objetivo de fazer um trabalho diferenciado, o professor coordenador fez aos alunos a proposta de trabalhar a oficina de dança com danças circulares, embora os alunos desejassem hip hop ou rap. Os alunos aceitaram o desafio e abraçaram a proposta. Na oficina de danças circulares, foram trabalhadas danças de diversas regiões do mundo, com sonoridades diferentes das quais os alunos estavam acostumados a ouvir.

O hip hop e o rap contemplam práticas mais individualizadas, podendo também destacar um ou outro dançarino que tivesse mais aptidão para a dança, estimulando a competição e a exclusão, o que contraria a proposta do Programa. Na dança circular, a proposta era outra bastante distinta: o grupo seguia a mesma coreografia e os participantes somavam as energias em busca da harmonia. Quando dançavam todos em círculo, não existia hierarquia, e as atitudes de competição foram substituídas por atitudes cooperativas, nas quais os participantes do grupo ajudavam a superar os erros uns dos outros.

Nas danças circulares, os alunos precisavam dar as mãos, tocar e sentir o toque do outro e acompanhar o ritmo, coisas que eles não estavam acostumados a fazer na escola e que, no início, causaram um pouco de estranheza. As atividades da oficina indicavam sempre que o importante não era ser o melhor, mas buscar a harmonia, o conjunto. A partir das danças circulares, surgiu um maior desenvolvimento do bem-estar físico, emocional e social, levando o aluno a se perceber como um ser humano íntegro, em uma perspectiva de formação integral. A partir dessa oficina, a dimensão sensível dos alunos, tão aclamada por Duarte Junior (2001), foi aprofundada, buscando recuperar um pouco a aproximação com as coisas do mundo.

Amor, beleza, encantamento: quantas palavras proibidas em nosso rigoroso meio acadêmico, sempre cioso por definir seus objetos de estudo em termos de qualidades objetiváveis, isto é, mensuráveis – coisa que, definitivamente, não parece possível com essas três, dentre tantas outras aqui empregadas. Contudo, é preciso ousar, é preciso furar a crosta cientificista que vem tornando as reflexões acadêmicas impermeáveis à vida que realmente importa: aquela levada a efeito no nosso dia-a-dia, semelhante às dos cientistas e luminares de conhecimentos parciais – na verdade, a única vida que se tem, em que pese as abstrações conceituais com as quais se escrevem teorias, tratados e teses. A vida é exercida, antes de tudo, valendo-se desses saberes sensíveis e conhecimentos que o arrogante intelectual apresenta-se logo em classificar como “não científicos” ou próprios do “senso comum”, feito este não contivesse qualquer verdade ou validade prática. (DUARTE JR, 2001, p. 30)

Depois de alguns meses com a oficina de danças circulares, algumas alunas tornaram-se também monitoras dessa modalidade de dança, desenvolvendo oficinas com turmas da escola, com os professores, com alunos de outras escolas, enfim, passaram a multiplicar o que foi aprendido, em uma prática de protagonismo juvenil. A oficina de danças circulares foi o pontapé inicial para a construção dos resultados que o PME alcançou no CMEB Maria Lygia.

A oficina de canto coral iniciou seu trabalho com músicas da MPB, levando aos alunos outros novos estímulos sonoros. Aos poucos, o universo musical dos alunos foi se ampliando, e foi diminuindo o estranhamento destes em relação ao que se distanciava do que estavam acostumados a ouvir.

A oficina de percussão iniciou em 2010 e de uma forma inusitada: ao buscar um monitor para práticas circenses, em uma parceria com um circo de Porto Alegre (RS), o professor coordenador recebeu dois monitores na escola: um para a oficina de circo e outro para musicalização circense, o qual, na verdade, era um monitor de percussão. Sem recurso financeiro para a manutenção de um monitor de percussão, o professor coordenador decidiu arriscar, oferecendo uma oficina de percussão. Assim, por não estar inscrita oficialmente nas atividades do PME da escola, essa oficina começou de forma experimental, sem recurso para a compra de instrumentos.

O monitor que chegou por acaso à escola possuía muita experiência na área musical, embora, nas suas três tentativas frustradas de entrar na Universidade, sua opção tenha sido o curso de Psicologia, sem nenhuma relação com a música. Atualmente, ele é um profissional aposentado, cuja história na música começou por volta dos 12 anos de idade, incluindo a participação nas bandas de colégio, estudos em conservatórios de música, trabalhos com música clássica, atividades em escolas de samba, parceria com grupo de teatro, grupo de dança e com circo.

Além da experiência de uma vida inteira na área musical, o monitor trabalhou por muitos anos na Fundação de Assistência Social e Cidadania (FASC), tendo o perfil de educador social, característica valorizada nos monitores candidatos a desenvolver oficinas no CMEB Maria Lygia.

A ementa da oficina de percussão, descrita no Manual Operacional do PME, em 2012, estabelece que o monitor trabalhe com as técnicas e mecânicas dos diversos instrumentos de percussão por meio de uma abordagem integradora, mas indica também que ele deve trabalhar com performances, apreciação e criação musical. A afirmação que se pode fazer a partir do presente estudo é que o monitor entrevistado está indo além do que é solicitado nessa ementa.

Apesar de não ter formação na área da educação, o monitor de percussão deixou claro seu entendimento quanto à concepção de uma formação integral:

O ser humano precisa ser educado em grupo, porque em grupos de diferentes pessoas, em atividades sejam quais forem, eles terão esse espírito de saber conviver, ter harmonia no grupo, saber estar no grupo... Inclusive ter ideias, formar conceitos, ter posições, talvez isso seja a coisa mais importante do PME, na verdade não é de ser músico, não é de ser artista, é ter uma personalidade, um caráter, saber conviver com a coisa do coletivo, valorizar e respeitar o outro. (Monitor em entrevista, 08/07/2013)

Com o objetivo de trabalhar com os alunos na perspectiva de formação integral, o início das atividades da oficina de percussão foi muito difícil. O monitor era muito exigente em relação à disciplina dos alunos, causando a resistência de muitos, isso somado ao fato de não haver instrumentos adequados para a oficina. Nesse momento, o trabalho do monitor foi questionado, e ele quase foi dispensado.

Na tentativa de suprir a falta de instrumentos na escola, por muito tempo o monitor de percussão levou para a escola seus pandeiros e seus tamborins, com os quais desenvolvia suas aulas. Com pouco tempo de oficina, os alunos foram chamados para fazer uma apresentação na Feira do livro do município. Foram menos de 10 alunos que tocaram os poucos instrumentos do monitor, mas a apresentação foi um sucesso. Esse momento foi um marco importante, porque provou aos alunos que valia a pena investir nas aulas de percussão. A credibilidade do monitor aumentou, e a percussão começou a ser valorizada, inclusive com a aquisição de vários instrumentos musicais, quando então muitos alunos começaram a se destacar.

3.2 TEMPO DE DESCOBRIR, EXPLORAR E CRIAR: *Na nossa escola é uma percussão mais sinfônica, orquestral, dos detalhezinhos dos instrumentos*

A exigência do monitor de percussão em relação à disciplina e à questão das atitudes necessárias à atividade fez com que a concentração dos alunos aumentasse, trazendo um diferencial necessário para o melhor alcance dos objetivos propostos. Com a superação das dificuldades iniciais, a percussão foi conquistando seu espaço. Diferentemente do canto coral e das danças circulares, nessa oficina, os alunos começaram a produzir músicas.

Alunos com histórico de desinteresse, pouca concentração e pouco comprometimento com a aprendizagem foram incitados a experimentar formas de apreensão da linguagem musical, misturando estilos e procedimentos, aliando experiências e vivências com as possibilidades da construção do novo. Os resultados começaram a ser percebidos, como na

composição de músicas pelos próprios alunos, na criação de blogs para divulgar e multiplicar o conhecimento sobre música e, especialmente, na eficiência de tocar instrumentos, indo além da técnica.

Durante uma aula da oficina, foram observados os alunos sentados em círculo, com alguns instrumentos musicais no centro do círculo. O monitor explicou a atividade, dizendo que os alunos iriam criar uma sequência de sons, utilizando os instrumentos ali dispostos, e observando a harmonia e o ritmo. Essa sequência iria ser repetida algumas vezes. Depois de cada aluno repetir a sua sequência, um por vez, o professor pegava um instrumento musical, que não havia sido posto no centro do círculo, e tocava acompanhando o aluno na sua criação. O monitor utilizava palavras motivadoras e estímulos constantes para que todos tentassem realizar a atividade proposta, levando o aluno a acreditar em seu potencial criador. A prática do monitor proporcionou um resultado diferente do que já se conhecia em percussão.

A Secretaria Municipal de Educação e Esporte de Esteio organizou, por dois anos consecutivos, ao final de cada ano, a Mostra de trabalhos do PME de Esteio. Durante as apresentações de oficinas de percussão de outras escolas, verificou-se que as atividades desenvolvidas eram muito parecidas com as atividades da banda marcial. Inclusive, nesses eventos, os alunos de diferentes escolas conseguiam tocar juntos, sem necessidade de ensaio prévio. A experiência do monitor do CMEB Maria Lygia com vários estilos musicais, incluindo a música clássica, permitiu o trabalho com uma percussão mais sinfônica, orquestral, que sempre priorizou os detalhes dos instrumentos, dando ênfase a diferentes sons, em momentos diferenciados de destaque para cada instrumento.

O monitor de percussão descreveu como realiza o trabalho de criação:

Na atividade de criação, eu trabalho com improvisação espontânea. Todo ser humano, independente de ser criança, jovem, adulto ou até mesmo a pessoa mais idosa, têm uma coisa de espontaneidade de expressão, não só na música, mas também na arte. Eu indico uma linha, os instrumentos, a linguagem, mas a expressão é de cada um, eles é que criam. Para mim a melhor coisa que o ser humano pode fazer é usar a capacidade de criação, porque se eu chegar e der tudo pronto para eles, fica muito superficial. (Monitor em entrevista, 08/07/2013)

As palavras do monitor vão ao encontro das de Antunes (2011), o qual afirma que os estímulos são essenciais para o progresso na capacidade de criar, deixando bem claro que a criatividade pode e deve ser estimulada, pois o “entorno cultural” no qual a pessoa vive é decisivo no desenvolvimento da sua criatividade. As pessoas podem até nascer com uma predisposição genética ditada pela hereditariedade, mas a criatividade precisa ser estimulada, e quem receber estímulos apresentará progresso na capacidade de criar. A capacidade é o potencial para conter, acomodar ou guardar algo, e a escola precisa trabalhar com as múltiplas

capacidades dos sujeitos, permitindo que estes busquem seu autoconhecimento para que possam definir suas metas e meios, sabendo conviver, interagir e ampliar suas perspectivas de vida.

No momento em que a escola estimula a criatividade latente em cada sujeito, esta pode servir de instrumento para uma vida melhor. Quando a escola estimula o sujeito a aprender, pensar, refletir, pesquisar, estudar e criar, está contribuindo efetivamente na formação de uma pessoa com capacidade de expor e usar com clareza suas ideias, fazendo uso destas na sua vida cotidiana.

3.3 DESPERTANDO O INTERESSE POR OUTROS ESTILOS MUSICAIS: *Eles entenderam o que é ser público num espetáculo*

Em 2011, aconteceu um fato relevante na perspectiva de ampliação do conhecimento musical dos alunos: a parceria com o Departamento de Difusão Cultural da UFRGS por meio do projeto de espetáculos musicais da Universidade, denominado Unimúsica. A partir da primeira participação, em dezembro de 2010, quando os alunos pisaram pela primeira vez no Salão de Atos da UFRGS para assistir ao percussionista Naná Vasconcelos, abriu-se um leque de possibilidades. E foi em função dessa experiência que surgiu a ideia da parceria, no início de 2011. O professor coordenador entrou em contato com a coordenação do Departamento de Difusão Cultural da UFRGS e foram reservados 35 ingressos para todos os espetáculos até o final do mesmo ano.

Essa parceria levou os alunos a terem acesso a shows de estilos musicais variados. As implicações para concretizá-la foram muitas, desde o pagamento do transporte mensal para a ida e volta dos alunos, passando pela questão das saídas noturnas dos alunos para Porto Alegre, onde aconteciam os shows, até as questões do comportamento dos alunos em um ambiente diferente, no qual era exigido silêncio e concentração. A energia do professor coordenador para articular tudo foi inesgotável, e aos poucos foram se encaminhando buscas de possibilidades diante dos problemas que iam aparecendo.

A aceitação dos diferentes estilos musicais foi um processo, portanto, necessitou de tempo. Percebeu-se isso na afirmação da Aluna 2 “[...] quando comecei a ir no Unimúsica estranhei muito, cheguei a não gostar, até incomodei o professor reclamando que era muito chato e que eu devia estar em casa dormindo; hoje eu não tenho mais essa reação”. Essa aluna confirmou que, antes de participar do Unimúsica, só ouvia um estilo musical, o funk,

mas depois de assistir a vários shows de estilos diversificados passou a apreciar outros estilos musicais.

No mesmo período em que frequentava os shows do Unimúsica, o grupo de percussão da escola seguiu com sua agenda de apresentações muito movimentada. A cada apresentação, aumentava a autoestima e a segurança dos alunos. O professor coordenador destacou que uma oportunidade importante foi a participação no Sarau do Instituto de Artes da UFRGS, quando o grupo se apresentou acompanhado por dois integrantes do Núcleo de Música Improvisada da própria faculdade. Um dos músicos, integrante da OSPA, foi também à escola tocar com a turma em outro momento. Ele levou o fagote, instrumento desconhecido pelos alunos e, enquanto estes tocavam seu repertório, o músico ia acompanhando de improviso.

Toda a sequência de acontecimentos e oportunidades não ocorreu ao acaso, houve todo um gasto de energia para alimentar a vontade de persistir no desenvolvimento da aprendizagem na área da linguagem musical. A vontade dos alunos de aprender a tocar instrumentos, de assistir a shows, de fazer apresentações poderia ter sido fugaz, por isso houve todo um investimento para que essa vontade se transformasse em um interesse mais permanente.

De acordo com Madalena Freire (2008), é necessário que o educador possa ser leitor de desejos e lidar com vontades, interesses e necessidades dos educandos, buscando transformar as vontades, às vezes efêmeras, em interesses, mais permanentes. No momento em que surge um real interesse, há a possibilidade de haver a busca por propósitos mais concretos, envolvendo até mesmo projetos de vida. O mediador do processo precisa ser muito perspicaz para detectar necessidades, que são menos visíveis que vontades e interesses, e que podem não estar sendo expressas pelos alunos. Essa perspicácia foi observada no professor coordenador, sempre querendo mais para seus alunos e achando que o que estava sendo oferecido ainda era muito pouco. Isso vai de encontro ao pensamento da maioria dos professores da escola, que acusavam os alunos de não aproveitarem as oportunidades que a escola oferece.

3.4 PROJETO DE VIDA DOS ALUNOS/PAPEL DA ESCOLA: *A gente abriu as portas para eles*

Há uma tendência a olhar como conturbada a relação dos jovens com a escola. O lugar da escola e da educação escolar na vida de uma pessoa depende de todo um contexto,

diferente na vida de cada um. Estimular os sujeitos para que tenham projetos de vida alicerçados no conhecimento escolar não é tarefa fácil no cenário atual das instituições educacionais. Muitos dos jovens que participam do PME do CMEB Maria Lygia estão conseguindo fazer a conexão entre escola e projeto de vida.

Na afirmação: “[...] o PME mudou até o meu rumo, se não tivesse o PME eu estaria na rua, fazendo arte⁵”, o Aluno 3 confirmou que o Programa alcançou seu objetivo de diminuir a vulnerabilidade social desses jovens que estão em uma área de risco, visto que a escola encontra-se em um Território de Paz, demarcado pelo Governo Federal, devido ao grande número de ocorrências policiais na área.

Ao afirmar que “[...] o homem só se realiza plenamente pela cultura e na cultura [...]”, Morin (2002, p. 52) deu uma noção da importância da cultura na formação integral do sujeito. No momento em que os alunos possuem vivências culturais múltiplas e intensas em uma determinada área (no caso estudado, a área da música), o interesse vai se ampliando a tal ponto que começa a interferir nos planos de construção do projeto de vida de cada um.

Nesse sentido, o professor coordenador comprometeu-se totalmente com a formação integral de seus alunos e no direcionamento de seus projetos de vida:

A escola, quando abre seus portões para a cidade, para a cultura, para outros saberes, consegue ampliar o projeto de vida dos estudantes de uma forma memorável. Com um planejamento adequado, com vontade de proporcionar outras vivências, a escola coloca os alunos em contato direto com o mundo, a arte, a cultura, o diferente. Este é o caminho que precisa ser seguido pela educação integral. (Professor Coordenador em entrevista, 08/07/2013)

Nesse percurso dos alunos de conhecer, reconhecer, reproduzir, imaginar, criar, recriar, disseminar, interpretar, enfim, viver e conviver com o mundo da música, foram descobertas possibilidades nunca antes imaginadas. Foram oportunizadas outras propostas de projetos de vida, que vão além daquele sonho de fazer um curso técnico profissionalizante para atender às necessidades do comércio e da indústria. Foi possível sonhar com a arte como projeto de vida, assim como foi possível ir além do sonho. Juarez Dayrell (2005) aponta:

Um projeto de vida se realiza na junção de duas variáveis. A primeira é a identidade. Quanto mais o jovem se conhece, experimenta as suas potencialidades, descobre o seu gosto, aquilo que sente prazer em fazer, maior será a sua capacidade de elaborar o seu projeto. Outra variável é o conhecimento da realidade. Quanto mais o jovem conhece a realidade em que se insere, compreende o funcionamento da estrutura social com seus mecanismos de inclusão e exclusão e tem consciência dos limites e possibilidades, maiores serão as suas chances de elaborar e implementar seu projeto. (DAYREL, 2005, p. 35-36)

⁵ Arte aqui entendida como travessura, traquinagem.

Os sujeitos pesquisados estão tendo a oportunidade de concretizar as duas variáveis apontadas para a construção do projeto de vida. Oportunidade de experimentar suas potencialidades, demonstrando prazer, determinação e alegria pelo que estão realizando, e oportunidade de conhecer a realidade e o funcionamento da estrutura social na qual estão inseridos, por meio das inúmeras experiências culturais proporcionadas pelo PME. O reconhecimento dos benefícios do PME para suas vidas é unânime entre os alunos.

Há três anos eu não sabia o que queria da vida. Ia à escola, estudava e vinha para casa. Ficava atirado, vagando, jogando vídeo game e comendo bolacha recheada. Isso mudou quando minha mãe me inscreveu sem meu consentimento em um programa chamado Mais Educação. Por causa das atividades de música do PME meu sonho não é mais ser jogador de futebol, agora quero ser músico, um baterista. (Aluno 6 em entrevista, 08/07/2013)

Antigamente eu era muito desleixado, ficava só em casa sem fazer nada. Quando apareceu o PME até o meu comportamento mudou. Eu passei a ser mais educado e mais calmo. Eu incomodava demais, depois do PME eu acalmei bastante. Meu desejo hoje é me formar em música e um dia ser professor também, ensinando os outros a tocar. (Aluno 1 em entrevista, 08/07/2013)

O professor coordenador afirmou que os alunos que realizaram as atividades do PME desenvolveram tanto seu potencial, que a escola não está mais dando conta de alimentar suas necessidades. Surgiu a necessidade de buscar continuidade do processo fora da escola, ir atrás de atividades específicas de música em instituições reconhecidas. Somente seis alunos conseguiram espaço em cursos de música na UFRGS ou na OSPA, mas muitos outros já estão preparados para essa nova etapa: da busca mais profunda de conhecimentos na área musical e a incorporação desta em seus projetos de vida. Há uma grande preocupação em como será a continuidade do processo, pois caberá a cada aluno persistir no processo de formação em música iniciado pelo PME.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise dos dados obtidos no estudo junto ao CMEB Maria Lygia, fica claro o papel do professor coordenador no êxito nas atividades do PME, ao longo de quatro anos de seu funcionamento. Ao articular as ações do Programa com dinamismo, competência e ousadia, o professor coordenador foi abrindo caminhos e criando oportunidades. Percebeu-se, nesse professor, uma incansável busca para que a caminhada dos alunos tivesse objetivos claros e andasse em um crescente de sentidos e exigências.

Longe de ter uma consciência ingênua, descrita por Paulo Freire (2008) como aquela que revela simplificação na interpretação dos problemas, o professor coordenador apresenta uma consciência crítica, problematizadora. Ele analisa os problemas de uma forma profunda, não se satisfazendo com o imediatismo das soluções, com a superficialidade dos processos, contextualizando e articulando dificuldades e possibilidades na direção de resultados efetivos e promissores na vida dos alunos, na escola e fora dela.

A ousadia, tão necessária na área da educação, é observada em ações como sair com um grupo de 40 alunos, à noite, de Esteio a Porto Alegre, uma vez ao mês, para assistir aos shows musicais; proporcionar aos alunos estarem em outros espaços, onde a exigência da disciplina, como um princípio para a convivência, muitas vezes, é maior que a do ambiente escolar; envolver os monitores de forma comprometida em um processo de educação integral; investir nos espaços apropriados para a execução das oficinas de música; acreditar no potencial dos alunos, muitas vezes, nadando contra a maré, diante dos discursos e práticas dos demais professores; vislumbrar possibilidades onde a maioria da comunidade educativa só enxerga dificuldades.

O olhar do professor coordenador sempre foi na direção das possibilidades, acreditando no potencial dos alunos. Dessa forma, ele conseguiu envolver os monitores para que trabalhassem a partir das potencialidades, e não das deficiências.

A afirmação de algumas pessoas que trabalham na escola, de que os alunos não valorizam as atividades do PME, traz uma contradição do discurso para a prática, pois cabe aqui salientar que, no dia em que foram realizadas as entrevistas, dois dos seis alunos entrevistados só foram à escola no turno das atividades do Programa, faltando à aula no outro turno. Ficam então os questionamentos: o que os alunos não valorizam? Como, então, fazê-los valorizar o que não valorizam?

O professor coordenador é visto por muitos professores como aquele que dá chances aos alunos que não merecem, pois não aproveitam as oportunidades. Quais as reais oportunidades que a escola, como um todo, está oferecendo aos alunos?

A escola parece não ter crescido junto com o PME, embora fique claro o crescimento dos alunos a partir das atividades musicais propostas pelo Programa. Mas essas atividades afetaram a escola de alguma forma? Mudou o olhar e a prática dos professores que trabalham nessa escola? São muitos os questionamentos que poderiam movimentar a escola para uma mudança de paradigmas e de práticas pedagógicas.

A partir de uma construção mais coletiva na escola, contrapondo o trabalho solitário do professor coordenador, poderia se despertar o desejo de todos os profissionais da escola de

envolvimento, pertencimento, comprometimento e continuidade em quaisquer ações que se destinam aos alunos. No momento em que todos estão comprometidos, as responsabilidades são divididas e as dificuldades minimizadas.

Uma das questões levantadas em vários momentos pelo professor coordenador é em relação ao tempo necessário para uma formação integral do sujeito. As pessoas sempre esperam resultados instantâneos quando o assunto é educação. Na observação do processo de formação integral dos alunos do CMEB Maria Lygia em música, verificou-se que, para cada etapa do processo, foi necessário um tempo significativo, pois cada aluno tem um ritmo diferente e responde de forma própria a estímulos. Diante do que foi observado e analisado, ficou claro que o imediatismo é incompatível com a formação integral do sujeito.

A música faz parte da vida dos alunos do CMEB Maria Lygia. Hoje de uma forma mais intensa e mais profunda. Com certeza ela embala sonhos e também torna possível a concretização de muitos projetos.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **A Criatividade na Sala de Aula**. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. **Educação Integral**: texto referência para o debate nacional. MEC, Brasília, 2009a. (Série Mais Educação)

BRASIL. Ministério da Educação. **Manual Operacional de Educação Integral**. Brasília, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. **Programa Mais Educação passo a passo**. Brasília, 2009b.

BRITO, Teca Alencar de. **Música na Educação Infantil: propostas para a formação integral da criança**. São Paulo. Editora Fundação Peirópolis, 2003.

DAYRELL, Juarez. Por uma Pedagogia da Juventude. **Onda Jovem**, São Paulo, n. 1, p. 34-37, mar/jun. 2005.

DUARTE JR, João Francisco. **O Sentido dos Sentidos**: a educação (do) sensível. Curitiba: Criar, 2001.

FREIRE, Madalena. **Educador Educa a Dor**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 31ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

GAINZA, V. Hemsy de. **Estudos de Psicopedagogia Musical**. São Paulo: Summus, 1988.

KLEIN, Tiago Pavinato. **O Programa Mais Educação como Articulador de Políticas Educacionais e Culturais: a experiência de uma escola de Esteio, RS.** Porto Alegre, UFRGS, 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

MOLL, Jaqueline et al. **Caminhos da Educação Integral no Brasil: direito a outros tempos e espaços educativos.** Porto Alegre, Penso, 2012.

MOREIRA, Herivelto. CALEFFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia da Pesquisa para o Professor Pesquisador.** Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro.** 6ª Ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2002.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico.** 23ª Ed. São Paulo: Cortez, 2007.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso: planejamento e métodos.** 3ª Ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.